

# A LIBERDADE RESPONSÁVEL NA CARTA ENCÍCLICA *VERITATIS SPLENDOR*

Pr. João Roberto dos Santos da Costa e Silva<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste artigo apresento um tema relevante para superar a crise moral do mundo moderno. Examino um dos grandes legados do Venerável Papa João Paulo II, que inserem a doutrina do Concílio Ecumênico Vaticano II nos debates sobre a vida, a sociedade e a cultura. Ele apresentou a liberdade responsável como uma realidade que fará com que o homem moderno responda, de verdade, ao sempre atual convite de Jesus Cristo, “vem e segue-me”. Sua resposta é não somente a porta para a liberdade responsável, mas também para a Salvação. O Pontífice dedicou-se à antropologia cristã, que ensina o homem a ser homem, superando as teses de Kant sobre a ordem moral convencional.

**Palavras Chave:** Liberdade responsável. Consciência moral. Opções vitais fundamentais. História da Salvação. Filosofia perene.

## Introdução

Este artigo sobre a **liberdade responsável** faz parte de dois grandes conjuntos temáticos, ambos em pleno desenvolvimento. O primeiro no campo da Religião, iniciado com o Mestrado em João Paulo II no programa de Ciências da Religião da P.U.C. - SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). A tese sobre os Discursos para o Dia Mundial da Paz foi apresentada no dia 1 de outubro de 1999. O segundo conjunto temático situa-se no campo da Ciência Política e das Humanidades, e teve início no ano 2000 na Espanha com as primeiras pesquisas sobre Alexis de Tocqueville, o grande especialista em democracia<sup>2</sup>.

A “Carta Encíclica Veritatis Splendor” pertence ao conjunto de documentos da doutrina social da Igreja, e está centrada na permanente Aliança de Deus com os homens. Neste texto mostro um aspecto do método pedagógico de Karol Wojtyła direcionado para o conhecimento da **realidade** espiritual e material: a análise fenomenológica. Ele considera, fundamentado na verdade revelada nas Sagradas Escrituras, dois **fulcros, suportes** ou “**chão**” próprios do mundo cristão, que são a

---

<sup>1</sup> Administrador de Empresa, Filósofo, Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciência Política e Humanidades, atualmente trabalha com Consultoria Filosófica.

<sup>2</sup> A pesquisa no Doutorado teve início em 2000 na Universidad de Navarra, em Pamplona. A tese sobre a liberdade individual no pensamento de Tocqueville foi apresentada no dia 18 de dezembro de 2008 na Universidad San Pablo CEU de Madri. Considero que o pensamento de Karol Wojtyła ajudou-me substancialmente na compreensão dos temas tocquevillianos sobre **a dignidade do homem como homem**.

amizade de Deus com cada pessoa humana e a paz que o homem encontra quando dá sua adesão ao convite de Jesus Cristo de realizar efetivamente a vida cristã.

O Pontífice analisa comparativamente a situação do jovem do Evangelho e a do homem moderno. Ele quer ensinar o dinâmico projeto da civilização do amor e da paz. Com essa intenção, oferece subsídios para a efetiva formação da consciência moral da pessoa. Evidentemente, a ordem moral constitui a chave da liberdade responsável.

Este artigo está dividido em quatro partes: a estrutura lógica da Encíclica, o argumento da liberdade responsável com referência ao educador cristão, em defesa da liberdade responsável, e as considerações finais. Com este tema chamo a atenção para alguns elementos que se encontram na origem dos problemas da vida atual e reitero a ideia de que sem liberdade individual a vida humana torna-se medíocre, assim como um diamante que, no meio da lama, não pode mostrar seu brilho.

Veremos que João Paulo II convida o homem moderno a decidir-se pela liberdade responsável. Sua meta é a construção de uma verdadeira vida intelectual, moral e espiritual, fato que auxilia a pessoa a desenvolver a inteligência.

### **1- A estrutura lógica da *Carta Encíclica Veritatis Splendor*: o objeto de análise, o método pedagógico, o objetivo e a justificativa**

1.a- O objeto de análise da Encíclica concentra-se nos problemas que envolvem a vida humana no mundo contemporâneo e na possibilidade do homem, isto é, cada um de nós (inclusive eu e cada leitor), de descobrir o caminho da liberdade em sua união com Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado. De modo análogo ao jovem rico do Evangelho, em seu encontro pessoal com Cristo, o homem contemporâneo está chamado a responder objetivamente a seus desafios. Entretanto, para abraçar a doutrina cristã em plenitude, precisa de uma adequada formação da consciência moral que lhe ajude a responder com o adequado uso da razão às exigências da liberdade responsável. Não podemos esquecer que o jovem rico só foi capaz de responder emotivamente, uma resposta vinculada a um sentimento mesquinho do possuir que anulou a verdadeira dimensão do seu ser.

1.b- O drama do jovem rico do Evangelho constitui um método pedagógico importante nesta Encíclica. O Pontífice estabelece uma analogia entre o jovem que não aceita o convite de Jesus e o homem contemporâneo que vive de costas para Deus. Com isso, ele questiona alguns problemas que arruinam o mundo intelectual contemporâneo.

Por exemplo, o historicismo, uma doutrina no campo da história segundo a qual a história de cada indivíduo seria suficiente para explicar sua natureza e valor. Essa epistemologia provoca um reducionismo antropológico e põe em evidência as teorias desenvolvidas pelos filósofos da Ilustração que negaram a fé.

1.c- A crítica a esse modo irreal de fazer história constitui o ponto de partida do objetivo do Pontífice. Na verdade, ele quer dar subsídios para que cada ser humano possa recuperar o lugar que lhe é devido na construção de sua própria história abraçando o bem espontaneamente. Nessa dinâmica de grandeza antropológica, a vontade precisa ser adequadamente educada porque jogará um papel essencial na realização plena do ser. Essa meta é a identificação com Jesus Cristo, o caminho, a verdade e a vida. Está estabelecida, portanto, a contraposição entre a antropologia de Karol Wojtyla e a antropologia de Immanuel Kant.

1.d- Esta temática se justifica devido à luta de João Paulo II contra as diversas formas de totalitarismo e os demais erros da modernidade no campo social, político, econômico, jurídico, cultural, entre outras dimensões da vida humana que sofrem a influência nefasta do excessivo racionalismo. João Paulo II põe o dedo em algumas feridas da modernidade. Por exemplo, o pensamento de George Hegel e sua teoria da história; os totalitarismos do século XX como o marxismo, o nazismo, e o fascismo; e a opção pela economia neoliberal. Esse conjunto de ideologias destroça a qualidade da vida humana.

Veremos a seguir os dois temas nucleares deste artigo.

## **2- O argumento da liberdade responsável com referência ao educador cristão (a verdadeira liberdade)**

João Paulo II no Magistério Pontifício considera o quadro intelectual de nossos dias, e mostra ao educador cristão que a formação da consciência moral e a conquista da liberdade responsável constituem duas tarefas urgentes para solucionar a crise de identidade no mundo moderno. A evangelização, a catequese e a escola cristãs ganham novo alento com a “Carta Encíclica Veritatis Splendor”. Surge um novo sentido da vida diante da missão urgente do reencontro do homem com Deus e consigo próprio<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Ricardo Yepes Stork e Javier Aranguren Echevarría mostram que o princípio intelectual da conduta humana está apoiado na educação: “Boa parte dos objetivos das atividades do homem corre por conta da escolha e aprendizado individuais. No nosso caso, o instinto vem em boa parte completado ou substituído pela aprendizagem”. Ricardo Yepes Stork e Javier Aranguren Echevarría, *Fundamentos de Antropologia*.

Na Encíclica é manifesta a vontade de dialogar com os demais especialistas em cristianismo, moral, antropologia e ciências sociais. Ele mostra que a capacidade de cada ser humano de realizar opções vitais fundamentais está intrinsecamente unida ao conteúdo de sua formação e grau de liberdade. O homem é um ser que quer viver em liberdade. Por essa razão, como cabeça visível da Igreja, ele exorta os responsáveis pela formação humana a ensinar a todos o caminho para a Aliança com Deus e a felicidade.

A antropologia cristã caracteriza-se por dois aspectos distintos. Um é a parte teórica dos princípios morais e o outro a parte prática do ato humano. Esta segunda dimensão vincula-se aos diversos âmbitos da vida humana, como os costumes, as leis, o pensamento, a vontade, a liberdade verdadeira e responsável, os fenômenos espirituais exteriorizados, e as experiências vitais. Deste modo justifica-se a exigência da vida litúrgica intensamente espiritualizada. Esse novo contexto constitui um grande desafio do educador cristão, que precisa ir além de todos os mal-entendidos que ocorreram no pós-Concílio e que não conseguiram dar ao homem o que ele procura: Deus. A nova atitude perante o mistério do Verbo Encarnado inclui o sentido de respeito, a reverência, a oração e a adoração. Sem dúvida, essa conduta constitui um conjunto de opções vitais fundamentais. A chave irrenunciável para o relacionamento com Deus<sup>4</sup>.

A liberdade responsável está vinculada a uma verdadeira liberdade, a qual transcende todos os tempos. Neste sentido, a *Carta Encíclica Veritatis Splendor* ajuda cada ser humano a reencontrar a linha da história pessoal em relação com a História Universal e a História da Salvação. Em seu combate ao historicismo, Wojtyła explica que o Verbo de Deus se encontra presente a cada momento da história, e que essa presença é decisiva para conduzir os homens até Deus. O célebre “a Deus, por Cristo no Espírito Santo” constitui uma verdade de fé que a comunidade científica está chamada a compreender, a viver e a apoiar, em defesa das opções vitais fundamentais de cada ser humano.

No contexto da doutrina cristã, a escolha consciente vincula-se inequivocamente ao equilíbrio entre a fé e a razão. Escreve o Pontífice:

---

*Um ideal de excelência humana*; tradução de Patrícia Carol Dwyer (São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005), p. 28.

<sup>4</sup> Para Francisco Faus a consciência bem formada constitui o alicerce da vida moral. Mas cuidado, porque, ainda que alguns digam que a consciência é a voz de Deus, ela pode ser a voz do diabo ou dos desejos egoístas. Só quando a pessoa se esforça por formar uma consciência verdadeira e reta pode julgar com certeza: “Deus falará sem dúvida através dela, e então, sim, a consciência será a voz de Deus: a voz que inundará de luz e de segurança o caminho da vida, levando-nos pelas sendas do amor e da paz”. Francisco Faus, *A voz da consciência* (São Paulo: Quadrante, 1966), p. 61.

O interesse pela liberdade, hoje particularmente sentido, induz muitos estudiosos de ciências, quer humanas quer teológicas, a desenvolver uma análise mais profunda da sua natureza e dos seus dinamismos. Salienta-se acertadamente que a liberdade não é só a escolha, “decisão sobre si mesmo” e determinação da própria vida a favor ou contra o Bem, a favor ou contra a Verdade, em última análise, a favor ou contra Deus. Justamente se destaca a elevada importância de algumas opções, que dão “forma” a toda a vida moral de um homem, configurando-se como o sulco dentro do qual poderão encontrar espaço e incremento as demais escolhas cotidianas particulares (JOÃO PAULO II, 1993, p. 102, art. 65).

Com esta referência ao *pro-Deo* e o *contra-Deum*, o *conversio* e o *anversio* de Santo Agostinho, estamos em presença dos dois elementos que definem a linha de análise fenomenológica da *Veritatis Splendor*. Como já me referi anteriormente na introdução, para examinar a liberdade responsável é preciso considerar a amizade de Deus com cada pessoa humana e a paz que o homem encontra quando dá sua adesão ao convite de Jesus Cristo de realizar efetivamente a vida cristã.

Segundo a História da Salvação, a Aliança de Deus com os homens vincula-se à misericórdia, ao amor, ao perdão. Além disso, a paz é um dom que só Cristo pode dar. Para construir a civilização da paz e do amor caberá a cada ser humano empenhar-se com todo empenho na realidade espiritual e material. Não há a menor sombra de dúvida. Essa dimensão vital depende do querer livre, a liberdade responsável. A amizade originária de Deus com o homem está presente na doutrina social de João Paulo II, o grande mestre da filosofia perene.

Em seu magistério, João Paulo II mostra as diversas enfermidades pessoais e sociais que arruinam a vida individual e coletiva. Os graves problemas da modernidade estão, de certo modo, vinculados a acontecimentos difíceis, os conflitos conjugais e familiares, os graves problemas trabalhistas, a solidão, entre outros acontecimentos. Tudo isso prejudica e leva a uma ruptura das relações familiares, sociais e profissionais. Evidentemente tudo isso provoca a crise existencial e espiritual na qual o indivíduo humano torna-se incapaz de perceber o sentido da própria vida.

O Pontífice refere-se ao drama do jovem egoísta que se mostrou incapaz de dar sua adesão ao convite de Jesus. Nesse argumento é nítida a falta da liberdade responsável, o elemento que lhe permite explicar as causas que levam o homem contemporâneo a rechaçar o convite de Jesus de segui-lo incondicionalmente. O jovem rico, que, durante toda a vida, tinha cumprido os mandamentos em referência a um querer meramente formal e convencional, sem dizer o que lhe vinha de dentro do coração deixou-se levar pela tristeza, o emocional, no momento que o Senhor lhe dirigiu o convite “vai e vende o que tens e dá-o aos pobres”. Seguir o Senhor teria sido o

grande passo de sua vida. Infelizmente, ao invés de permanecer nas páginas do Evangelho, desapareceu sem deixar rastro por ter achado que Jesus pedia demais...

Este é o drama pessoal de um personagem que poderia ter-se dedicado à educação cristã com seu exemplo, mas que, por falta de uma maior grandeza de alma, não estava preparado para assumir compromissos efetivos e duradouros. O convite de Jesus colocava em contraposição a soberba do ter e a humildade do ser, uma contraposição difícil de administrar devido à soberba. O homem pecador necessita de um elevado grau de maturidade aliado à graça para realizar a escolha acertada.

Na realidade, só há uma tristeza santa, a tristeza do arrependimento, e, mesmo assim, a pessoa precisa ser cuidadosa para não se deixar levar pela depressão. O educador preparado para sua missão sabe que o arrependimento não é depressão, mas possibilidade de reconciliação<sup>5</sup>.

João Paulo II participa do debate moral da atualidade, em torno ao qual aparecem inúmeras tendências e teorias que questionam e negam os fundamentos da doutrina moral cristã. No entanto, a moral cristã é o aspecto ético da Revelação de Deus aos homens, na pessoa histórica, concreta e viva de Jesus Cristo, o Verbo de Deus Encarnado, a sólida rocha na qual os cristãos depositam sua esperança na construção de um mundo onde exista a caridade, a solidariedade e a subsidiariedade. João Paulo II examina a condição humana do homem contemporâneo, indica sua falta de liberdade e reitera a importância de propor às pessoas, e especialmente aos jovens, os modelos e as experiências que os ajudem a crescer nas dimensões humana, espiritual, psicológica, moral e intelectual. A cultura moderna apresenta um déficit de pontos de referência. Ora, isso é um perigo porque a falta de modelos contribui para fragilizar a pessoa humana induzindo-a a considerar que todos os comportamentos se equivalem.

Diante desse quadro, é fundamental que a família, a escola, os movimentos de jovens, as associações paroquiais e os educadores passem a cuidar da formação da

---

<sup>5</sup> No dia 14 de novembro de 2003 João Paulo II dá o diagnóstico e propõe a cura para a depressão: *“O aumento dos estados depressivos tornou-se preocupante. Neles revelam-se fragilidades humanas, psicológicas e espirituais que, pelo menos em parte, foram induzidas pela sociedade. É importante tomar consciência das repercussões que têm sobre as pessoas as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, os quais exaltam o consumismo, a satisfação imediata dos desejos, a corrida a um bem material sempre maior. É preciso propor novos caminhos, para que cada um possa construir a própria personalidade, cultivando a vida espiritual, fundamento da existência madura. A participação entusiasmada nas Jornadas Mundiais da Juventude mostra que as novas gerações procuram Alguém que possa iluminar o seu caminho quotidiano, dando-lhes a razão para viver e ajudando-as a enfrentar as dificuldades”*. Discurso do Papa João Paulo II aos participantes na Conferência Internacional sobre "A Depressão".

<http://www.healthpastoral.org/text.php?cid=155&sec=5&docid=57&lang=br>  
Texto pesquisado no dia 9/06/10.

pessoa humana no sentido de revogar o predomínio do relativismo, do utilitarismo e do pragmatismo. A antropologia pedagógica foi desenvolvida de modo inovador no Concílio Ecumênico Vaticano II, que representa o grande empenho de João XXIII de estabelecer o diálogo da Igreja com o mundo moderno, o célebre *aggiornamento*<sup>6</sup>.

Com o importante diálogo da Igreja com o mundo será possível fazer frente à falta de fé e conquistar a liberdade responsável. Entretanto, João Paulo II questiona a facilidade com que aumenta o número de teorias que se afastam das verdades do Evangelho e que agravam a crise de identidade do homem contemporâneo. Essa é uma crise da unidade, da verdade, da bondade, e da beleza do ato especificamente humano.

Como já foi dito anteriormente, esse reducionismo antropológico põe em evidência as teorias desenvolvidas pelos filósofos da Ilustração, aqueles que exaltaram o uso da razão na conquista do conhecimento científico e ignoraram a fé para o conhecimento da verdade. Parece um paradoxo, mas essas teorias desprovidas do sentido comum encontram-se na origem da crise da razão. O saber depende em grande medida da verdadeira liberdade.

Apresentarei agora a resposta de João Paulo II aos que negam a existência da liberdade responsável, uma temática que situa o leitor no contexto da teoria do conhecimento.

### **3- Em defesa da liberdade responsável**

Inicialmente cabe perguntar:

- Por que o Pontífice está preocupado com a atual crise dos valores cristãos, que nega o sentido da liberdade verdadeira e responsável?

- Encontramos essa resposta em dois argumentos principais. O primeiro argumento nos situa ante a ruptura do vínculo de dois importantes elementos da doutrina moral cristã, a união entre a fé e a razão, e a união entre a verdade e a liberdade. O segundo argumento enfoca a perda do sentido absoluto da vida humana, cuja origem pode-se delimitar em quatro fenômenos: a) a desordem social, política, econômica e religiosa; b) a fugacidade e a ruptura do tempo histórico em meio aos paradoxos da vida moderna; c) a agonia da reta razão; e d) a soberba, o pecado de origem. Tudo isto traz como consequência o voluntarismo, o relativismo, o utilitarismo

---

<sup>6</sup> o *aggiornamento* é a adaptação e a nova apresentação dos princípios católicos ao mundo actual e moderno, sendo por isso um objectivo fundamental do Concílio Vaticano II.

e o pragmatismo. O Pontífice analisa estes fenômenos no marco teórico da antropologia pedagógica apresentada no Concílio Ecumênico Vaticano II, que responde às exigências da filosofia perene.

O Papa Bento XVI esteve em Chipre no início de junho. Teve um encontro com o presidente da república, as autoridades civis e o corpo diplomático no jardim do palácio presidencial de Nicósia, onde mencionou a Carta Encíclica *Veritatis Splendor* de João Paulo II. Enfocou a questão da obrigação moral, que não pode ser vista como uma lei que se impõe de fora e que exige um tipo de obediência sem sentido. A criatura humana encontra o princípio da ordem moral no encontro com a Realidade Absoluta, cujo reflexo encontra correspondência na consciência bem formada. Nesse encontro, Cristo faz o convite para que o homem sirva a verdade, a justiça e o amor. Desse modo amadurece o sentido de responsabilidade individual pela integridade e o mútuo respeito, acontecem as relações humanas que consolidam a confiança e se estreitam os vínculos de amizade pessoal e institucional<sup>7</sup>.

Segundo a Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, é fundamental retomar a filosofia perene porque os grandes pensadores ensinaram como construir a ordem moral. Essa tarefa é uma decisão humana irrenunciável para consolidar a presença de Deus na modernidade e superar a atual crise dos valores cristãos em sua dimensão global.

Por certo, na Encíclica lemos que o Magistério da Igreja está chamado a ajudar o homem contemporâneo em seu desafio de alcançar o discernimento sobre os fundamentos hermenêuticos do Evangelho centrado na pessoa real de Jesus Cristo. Transcrevo a recomendação em defesa da liberdade responsável:

Precisamente sobre as questões que caracterizam hoje o debate moral e à volta das quais se desenvolveram novas tendências e teorias, o Magistério, por fidelidade a Jesus Cristo e em continuidade com a tradição da Igreja, sente com maior urgência o dever de oferecer o próprio discernimento e ensinamento, para ajudar o homem no seu caminho em busca da verdade e da liberdade (JOÃO PAULO II, 1993, p. 48, art. 27).

Este texto está dirigido especificamente aos responsáveis pelo Magistério da Igreja. Ao estabelecer este compromisso com os demais bispos, João Paulo II ensina que a liberdade responsável responde ao desejo que o homem sente de unir-se a Deus na pessoa de Jesus Cristo. Em sua dimensão espiritual, o homem se realiza plenamente em sua abertura ao querer de Deus.

---

<sup>7</sup> “Platão, Aristóteles e os estóicos deram grande importância a esta realização pessoal –eudemonia– como finalidade para cada ser humano, e viram no caráter moral o caminho para a alcançar”. Bento XVI, “Três modos para realizar a verdade moral na política”, *L’Osservatore Romano*, Ano XLI, número 24 (2.112), sábado 12 de junho de 2010, p. 4.



O título deste documento Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (o esplendor do sol da verdade) vincula-se à pessoa de Jesus Cristo, através da assistência do Espírito Santo. Estas duas pessoas da Santíssima Trindade prestam uma inestimável ajuda na tarefa de discernir e interpretar a Lei de Deus.

Encontro uma referência ao atual problema da fé e da razão no estudo realizado pelo bispo de Grosseto na Itália. Dom Angelo Scola explica a causa da incapacidade do homem moderno de reconhecer nas palavras de Jesus Cristo o caminho para uma autêntica vida moral assentada nos princípios da filosofia perene. Este estudo coloca em contraposição a antropologia de Wojtyla e a antropologia de Kant, o autor que fundamenta o comportamento do homem em uma norma universal, formal e convencional, e nega a pessoa de Jesus Cristo como o sol para onde cada um de nós deve dirigir a própria vida, assim como se fosse um girassol em busca da luz que faz circular a seiva.

Essa contraposição entre o pensamento kantiano e a Doutrina Social da Igreja, segundo Dom Angelo Scola(1995, p. 4), é consequência da

persistência da provocação iluminista, à qual Kant deu rigor, pela qual um acontecimento histórico (Jesus Cristo) não poderia ser fundamento e prova de verdades universais e necessárias. Em síntese, afirma-se que não existe homogeneidade entre o acontecimento de Jesus Cristo e a lei moral. Mais ainda, assegura-se explicitamente sua recíproca heterogeneidade, chegando à conclusão de que é impossível que desse acontecimento derive a norma moral<sup>8</sup>.

Agora bem, a matriz iluminista do pensamento de Kant está profundamente enraizada na moderna tendência ao individualismo. Trata-se de uma epistemologia que nega qualquer fundamento metafísico da norma moral e incapacita o homem para aceitar o convite de Jesus de segui-lo incondicionalmente.

O bispo de Grosseto ainda assinala a crítica de João Paulo II ao mau uso do conjunto de teorias desenvolvidas na Ilustração, a que Kant deu continuidade. Por exemplo, no campo da teoria política e econômica, assim como no campo social e cultural. Em franca oposição a essas teorias, o Pontífice recorda as duas leis morais da Tradição cristã. A primeira é a Lei de Deus e a segunda é a Lei Natural. A Lei de Deus é a Lei Eterna e Universal por antonomásia, e a Lei Natural faz-se presente em cada homem e em cada realidade social, assim como uma resposta às exigências do sentido comum e do bom senso. Estas duas leis são a base sólida da liberdade responsável, um bem irrenunciável para assegurar a dignidade de cada homem que vive ordenado ao fim

---

<sup>8</sup> A tradução do texto é de minha autoria.

último, que é o próprio Deus. Nesta perspectiva teleológica a Lei Natural também se constitui como o fundamento prático de uma consistente relação de deveres e de direitos, a qual possibilita a consolidação do amor e da paz entre os homens. A Lei Natural é uma realidade comum a cada pessoa humana, e reflete a Lei de Deus inscrita em cada coração.

Portanto, uma tese deve ficar bem assimilada no momento de falar de liberdade responsável na Encíclica de João Paulo II. É o sentido teleológico da Lei de Deus e da Lei Natural. Em essência, a doutrina moral cristã é uma doutrina cujo objeto próprio é a ação do homem ordenada ao projeto salvífico de Deus.

Para mostrar a contraposição entre a sua antropologia e a antropologia de Kant, o Pontífice utiliza a experiência daquele jovem que se aproxima de Jesus Cristo porque tem a intuição de que naquele Mestre se encontram a unidade, a verdade, a bondade e a beleza do ato especificamente humano. Ele havia buscado esses bens ao longo de sua vida, e lhe parecia que estava próximo de alcançá-los. Por certo, sua pergunta possui caráter universal: “Que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?” (JOÃO PAULO II, 1993, p. 19, art. 9).

Jesus responde através de um singular convite constituído por duas máximas. A primeira é o “vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres” (JOÃO PAULO II, 1993, p. 35, art. 18); e a segunda é o “vem e segue-me” (JOÃO PAULO II, 1993, p. 35, art. 18). Este chamado põe em contraste a soberba do ter e a humildade do ser, em uma perspectiva de vida onde cabe falar na pobreza do Evangelho.

Segundo a Escritura, o homem tendo aquilo que comer e vestir já é o suficiente. Há uma contraposição clara entre o que a Escritura define como pobreza cristã (ou mais exatamente “pobreza paulina” – o homem e a mulher tendo roupa e vestuário seria o bastante –) e a pobreza para a qual Cristo chama o jovem rico. Em outras palavras, existe aqui a distinção entre a pobreza cristã comum e a não comum, própria de um determinado estado de vida inteiramente entregue à causa do Evangelho.

#### **4- Considerações finais**

Para finalizar, mostrarei um dos fundamentos da doutrina antropológica do Concílio Ecumênico Vaticano II, que é a possibilidade do segundo nascimento.

Em seu projeto para reformar a mentalidade moderna, Wojtyła reforça o argumento de que quando o homem estreita laços de amizade com Deus passa a amar e

a identificar-se com o fazer e o querer de Deus. Nesse dinâmico relacionamento constrói a própria identidade. O homem alcança esse ápice na *sequela Christi* (JOÃO PAULO II, 1993, p. 35, art. 19), ou seja, quando segue a Jesus incondicionalmente. Essa é uma opção vital fundamental que prepara a inteligência e a vontade de cada indivíduo humano para uma vida digna e efetivamente livre. Isto significa que quando a pessoa conquista a liberdade responsável nasce pela segunda vez<sup>9</sup>. João Paulo II refere-se ao coração do homem como um santuário, no qual cada ser humano guarda e segue a Lei de Deus e vive segundo os preceitos da Lei Natural. Este santuário é a própria consciência moral, sede da importante relação entre a liberdade e a verdade.

Segundo a doutrina de Santo Agostinho(2009, p. 274), o homem tem uma lei inscrita no coração pelo próprio Deus, e sua identidade está enraizada em sua obediência incondicional a essa Lei que lhe ilumina o coração. Para penetrar na antropologia do Concílio Ecumênico Vaticano II é indispensável compreender a magnitude desse encontro permanente com o Verbo de Deus feito Homem. Para isso a liberdade responsável, verdadeira e individual, é um fator indispensável<sup>10</sup>.

Infelizmente, essa liberdade foi frequentemente negada na modernidade e no âmbito do cristianismo protestante. Na verdade, as religiões da Reforma defendem uma antropologia do homem corrompido incapaz de alcançar a salvação pelo mérito de suas obras e não apenas inclinado pelas três concupiscências (da carne, dos olhos e a soberba da vida) para o mal (1 Jo 2, 15-17). No protestantismo não cabe falar em liberdade responsável para o encontro com o *Logos* divino que age no âmbito da criação e da redenção e os que negam a possibilidade desse encontro espontâneo, como foi o caso de Kant, reduzem o homem a um simples agente capaz apenas de obedecer a normas morais gerais e convencionais.

Ainda que essa antropologia reducionista possa, de algum modo, contribuir para uma justa avaliação das diversas situações vividas pelo homem em seu dia a dia, nunca poderá substituir o valor absoluto da vontade iluminada pelo intelecto (o livre arbítrio) nas horas de cada decisão. A pessoa livre reconhece sua fraqueza e volta-se para Jesus

<sup>9</sup> *O 2º nascimento pela liberdade e o esforço*: “De fato, somos em certo modo pais de nós mesmos, quando pela boa disposição de espírito e pelo livre arbítrio, nos formamos a nós mesmos, nos geramos e nos damos à luz”. *São Gregório de Nissa (sobre o Eclesiastes) - bispo do século IV, em: Liturgia das Horas, Gráfica de Coimbra, 1993. VII semana do Tempo Comum, volume III, p. 289.*

<sup>10</sup> “Cristo, ó Deus, o céu e a terra, neste princípio, no nosso Verbo, no Vosso Filho, na Vossa virtude, na Vossa Sabedoria, falando e agindo de um modo admirável. Quem poderá compreendê-lo? Quem poderá contá-lo? Que luz é esta que me ilumina de quando em quando e me fere o coração sem o lesar? Horrорizo-me e inflamo-me: horrорizo-me enquanto sou diferente dela, inflamo-me enquanto sou semelhante a ela”. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*; tradução de J. de Oliveira e A. Ambrósio de Pina. -24ª ed.- Petrópolis: Editora Vozes, 2009, p. 274.

Cristo que lhe ajuda a definir sabiamente suas opções vitais fundamentais (JOÃO PAULO II, 1993, p. 55, art. 90).

Encontra-se um famoso exemplo de liberdade individual, da dignidade do pensamento e capacidade de discernimento em Mateus 11, que Blaise Pascal trabalha de forma admirável em seus *Pensées* (Pensamentos) quando define o homem como um caniço agitado pelo vento (PASCAL, 2005, p. 86). Para ele o princípio da ordem moral é pensar bem, corretamente, principalmente sobre as verdades divinas<sup>11</sup>. Desse modo, o homem alcança sua real dignidade. O erudito francês recorre ao mesmo método que Cristo utiliza ao examinar o papel de João Batista como anunciador da civilização do amor e da paz: “O que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que fostes ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas os que vestem roupas finas estão nos palácios dos reis. Então, o que fostes ver? Um profeta?” .. (Mt 11, 7-9).

Podemos responder com segurança e em uníssono: é claro que não!

Antes de terminar, digo ainda, com o Papa Bento XVI, que toda a história da teologia é, no fundo, o exercício do compromisso de uma inteligência capaz de mostrar a inteligibilidade da fé, sua harmonia e articulação interna, o seu bom senso e a sua capacidade para promover o bem do homem. O Pontífice examina a colaboração entre a fé e a razão em São Tomás de Aquino, recorda o compromisso de seu antecessor com a dignidade humana e propõe o nexos entre a Lei Natural e a responsabilidade para a reconstrução da ordem moral no mundo contemporâneo.

É preciso ver que na Encíclica *Evangelium vitae* João Paulo II afirmou que uma democracia sadia, livre e soberana depende de valores humanos e morais essenciais e naturais. Estamos uma vez mais em presença do que muita gente rejeita hoje em dia, que é a Lei Natural. No entanto, essa lei deriva da própria verdade do ser humano, exprime e tutela a dignidade da pessoa e consagra a civilização do amor e da paz<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> “O homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo; um vapor, uma gota de água basta para matá-lo. Mas, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que aquilo que o mata pois ele sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele. O universo nada sabe. Toda a nossa dignidade consiste pois no pensamento. É daí que temos de nos elevar, e não do espaço e da duração que não conseguiríamos preencher. Trabalhem, pois, para pensar bem: eis o princípio da moral”. PASCAL, Blaise, *Pensamentos*; edição, apresentação e notas Louis Lafuma ; tradução Mário Laranjeira; 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia).

<sup>12</sup> “A defesa dos direitos universais do homem e a afirmação do valor absoluto da dignidade da pessoa postulam um fundamento. Não é precisamente a lei natural, este fundamento com os valores não negociáveis que ela indica?”. Bento XVI, “Para uma visão ampla e confiante da razão humana”, *L'Osservatore Romano*, Ano XLI, número 25 (2.113), sábado 19 de junho de 2010, pp. 4-5.

Portanto, no contexto de uma rigorosa ciência política, a democracia verdadeira, livre e soberana constitui um ato humano de primeira grandeza. Para que as sociedades contemporâneas superem tanto o relativismo ético no plano individual como o totalitarismo do Estado no plano político, precisarão privilegiar a liberdade responsável.

## **The responsible freedom in the *Encyclical Letter Veritatis Splendor***

### **Abstract:**

In this article I write about a relevant subject to overcome the modern world moral crisis. I look at one of the great inheritances from the Venerable Pope John Paul II who put the doctrine of the Second Ecumenical Vatican Council in the middle of the debates about life, society and culture. He indicated the responsible freedom as a reality which will motivate the modern man to respond effectively to the ever current invitation of Jesus Christ, “come and follow me”. His response is not just the door to the responsible freedom, but also to Salvation. The Pontiff worked with Christian anthropology that teaches man to be man, superseding Kant’s thesis about conventional moral order.

**Key – words:** Responsible Freedom. Moral Consciousness. Fundamental Vital Options. History of Salvation. Perennial Philosophy.

### **Bibliografia Específica**

- BENTO XVI, “Três modos para realizar a verdade moral na política”, *L’Osservatore Romano*, Ano XLI, número 24 (2.112), sábado 12 de junho de 2010, p. 4.
- BENTO XVI, “Para uma visão ampla e confiante da razão humana”, *L’Osservatore Romano*, Ano XLI, número 25 (2.113), sábado 19 de junho de 2010, pp. 3-4.
- BÍBLIA SAGRADA, tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1997.
- FAUS, Francisco, *A voz da consciência*. São Paulo: Quadrante, 1966.
- JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Veritatis Splendor*; 2ª. ed, São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- JOÃO PAULO II, Discurso do Papa João Paulo II aos participantes na Conferência Internacional sobre “A Depressão”. Pontifical Council for Health Pastoral Care, sexta-feira, 14 de Novembro de 2003. Disponível em: <http://www.healthpastoral.org/text.php?cid=155&sec=5&docid=57&lang=br>  
Acessado em: 9 de junho de 2010.
- LITURGIA DAS HORAS, Gráfica de Coimbra, 1993. VII semana do Tempo Comum, volume III.
- PASCAL, Blaise, *Pensamentos*. 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Paidéia).
- SANTO AGOSTINHO, *Confissões*; tradução de J. de Oliveira e A. Ambrósio de Pina. -24ª ed.- Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- SCOLA, Mons. Angelo, “Jesucristo, ley vivente y personal”, en: *Reflexiones sobre la encíclica Veritatis Splendor*. Barcelona: Servei De Documentació Montalegre. 3a. època; any XII, setmanes 35 i 36. 17 de setembro de 1995, p. 4.
- YEPES STORK, Ricardo e ARANGUREN ECHEVARRÍA, Javier, *Fundamentos de Antropologia. Um ideal de excelência humana*; tradução de Ptraatrícia Carol Dwyer. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005.